

Netflix

Um maluco na Netflix



Querido por ala crescente da crítica e aplaudido nos festivais de Cannes e Berlim, Adam Sandler retoma o personagem Happy Gilmore para afirmar seus domínios no streaming

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Na gênese de uma carreira encarada como modelo pela comédia americana, com a média de bilheteria de US\$ 100 milhões por cada filme que lançou de 1998 a 2011, Adam Sandler foi Happy Gilmore, um atleta dos tacos consagrado nos gramados em pulverosa do filme “Um Maluco no Golfe”, de 1996. À época, ele era um ás do humor egresso dos palcos e da TV que ansiava por um lugar de destaque no cinema. Essa produção de US\$ 12 milhões fatiou em torno de US\$ 41 milhões, estabelecendo sua (boa) reputação para lotar salas de projeção à luz de trapalhões abilolados.

O longa-metragem pavimentou sua relação com os exibidores que se renderam à sua estética galhofeira, de vez, com o fenômeno “O Rei da Água”, de 1998, que custou US\$ 23 milhões e arrecadou US\$ 186 milhões. Ali seu império começou. Desde então, ele se pôs à prova muitas vezes, em dramas (“Reine Sobre Mim”), no thriller “Jóias Brutas” (sua obra-prima) e nas animações “Hotel Transilvânia”.

Arriscar-se, contudo, não significa esquecer as fórmulas que fizeram dele uma grife. Perto de chegar aos 60 anos, Sandler não deixa o passado de lado e traz Gilmore de volta, agora em seu novo lar, a Netflix. No dia 25 de julho, o golfista mais doido do audiovisual regressa para encaçapar suas bolas e o coração do público. Esta semana,

a plataforma com maior adesão do mercado de streaming lançou os reclames de “Um Maluco no Golfe 2”, que estreia no dia 25 de julho. A direção é de Kyle Newacheck.

Para não deixar a peteca do êxito cair, a voz oficial desse arlequim no Brasil, Alexandre Moreno, um Midas da dublagem nacional, foi escalado para ceder o gogó a Sandler. Ben Stiller estará com ele no elenco. Os dois contracenaram (como irmãos) no impagável “Os Meyerowitz: Família Não Se Escolhe” (2017), de Noah Baumbach, indicado à Palma de Ouro de Cannes.

Na Croisette, Sandler é divo. Um divo de respeito. Não tem esse status só lá. Em 2024, o periódico que mais investe em enquetes, a “IndieWire”, liberou em seu site

oficial uma seleção dos melhores filmes da primeira década do século XXI, os anos 2000. Assumiu “AI – Inteligência Artificial” (2001), de Steven Spielberg, como seu número 1.

Grandes sucessos de público e quindins da crítica lançados até 2009 foram incluídos pelos votantes, como a trilogia “O Senhor dos Anéis” e o .doc brasileiro “Jogo de Cena” (2007), de Eduardo Coutinho (1933-2014). Curiosamente, o aspecto que mais chamou a atenção do público leitor não foi a diversidade de cineastas lembrados (Claire Denis, Agnès Varda, Spike Lee, Hayao Miyazaki, Sofia Coppola, Lars von Trier, Lucrecia Martel, Ang Lee, Christopher Nolan) mas, sim, a escolha de um ator, muitas vezes associado a uma ideia

de mediocridade estética, como um dos destaques das narrativas contemporâneas: Sandler. Ele aparece na apuração representado por “Embragado de Amor”, de Paul Thomas Anderson (Prêmio de Melhor Direção justamente em Cannes, em 2002), e em “Tá Rindo Do Quê?”, de Judd Apatow (de 2009).

Essa dupla escolha reflete o reposicionamento de uma das estrelas mais populares do planeta em atividade, que brilhou na festa do Oscar, no dia 2 de março, ao aparecer de moletom em meio a um mar de engravatados, tirando sarro do cinema com o apresentador da cerimônia, Conan O’Brien. Há pouco tempo, ele carregou a mão no deboche em “Adam Sandler: Love You”, hoje na Netflix. É uma versão para as telas de seu espetáculo stand-up, no qual ele canta e faz piada com seu jeitão muito peculiar de atuar. Jeitão esse que vem arrebatando elogios (um pouco como aconteceu com Jerry Lewis na virada dos anos 1950 para a década de 1960), ocupando novos e consagradores espaços. Um dos indícios de que ele virou cult foi a inclusão de seu longa anterior, a sci-fi “O Astronauta” (“Spaceman”) no Festival de Berlim.

Convocado para dividir com George Clooney o protagonismo do novo longa do supracitado Noah Baumbach (“Jay Kelly”, já rodado), o comediante, roteirista e produtor de 58 anos participa ainda da nova trama dos irmãos Josh e Benny Safdie, diretores responsáveis por seu trabalho mais badalado nos últimos 20 anos: “Jóias Brutas”, também mencionado acima. Tudo o que tem pela frente tem potencial de ampliar a audiência da Netflix. Na segunda metade da década da passada, ele fez daquele streaming sua base de operações, ciente de que as cifras de suas fitas, em circuito, corriam o risco de baixar. O regresso de Gilmore, em “Um Maluco No Golfe 2” é uma forma de relembrar os passos que deu antes do estrelato e dar um recado à carterice das patrulhas ideológicas que ceifaram o espaço do humor, sob o garrote da correção política. Largar o osso da graça é algo que Sandler não vai fazer... para a nossa alegria.